

PARA UM REDIMENSIONAMENTO DO SIGNO LINGUÍSTICO: O CONCEITO DE NOÇÃO

Marcos Luiz Cumpri¹

Resumo: o cerne deste trabalho está na discussão do conceito de noção. O objetivo é a ampliação do conceito de signo a partir da articulação entre língua e linguagem, a qual coloca língua e fala numa relação contínua e não dicotômica. O destaque está no processo de construção das noções e na transposição do ato cognitivo (do mundo experiencial e do fenomenológico) ao ato representacional (a atividade linguística, a formação discursiva). O redimensionamento do signo linguístico fica por conta da defesa de que as experiências de mundo e as experiências de língua são indissociáveis, justamente o que nos leva a transcender seu caráter tipicamente consensual para chegarmos ao seu caráter oscilador entre o dado e o construído.

Palavras-chave: Noção. Signo. Linguagem.

Apresentação

O signo, tomado como uma unidade prioritariamente linguística, reitera o conceito de palavra principalmente por apontar a capacidade representacional (por assim dizer, psicológica) da linguagem. O signo, tomado como uma unidade simbólica, reafirma a capacidade referencial da linguagem (por assim dizer, sociológica). Já o signo tomado como uma unidade híbrida

¹ Professor Doutor Adjunto da Universidade de Santa Cruz do Sul. Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Leitura e Cognição. E-mail: marcoscumpri@yahoo.com.br

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 14	n. 23	p. 171 - 184	Dez. 2012. Recebido em: 22 out. 2012. Aprovado em: 26 nov. 2012.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	---

(isto é, entre o linguístico e o simbólico) corrobora o conceito de noção e remete a linguagem ao seu poder de regulação (por assim dizer, sociopsicologizante).

Neste artigo, intencionamos propagar o caráter dialógico do conceito de signo a partir do conceito enunciativista de noção, o qual nos remete a uma discussão verdadeiramente interdisciplinar por reaproximar a dimensão sociológica e a psicológica da linguagem.

Teoricamente, trilhamos, prioritariamente, o modelo linguístico de Antoine Culioli e seus colaboradores, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Estruturalmente, elaboramos uma seção destinada a defender a articulação entre língua e linguagem, uma a apresentar o conceito de noção, uma a esmiuçar os três níveis linguísticos e outra a discuti-lo pelo seu viés filosófico. O texto ainda traz uma conclusão e referências.

1 A articulação entre a linguagem e as línguas naturais

Assumir que a linguagem é dotada de uma capacidade reguladora nos conduz a rejeitar que ela seja simplesmente definida como um meio de comunicação. Assim, a linguagem seria um recurso extremamente sofisticado dos mecanismos biológicos pelo qual o homem se equilibra e se diferencia dos demais seres.

Tal concepção aponta para uma ruptura da polarização entre subjetividade e objetividade por se focar na produção (operação) e não no produto. Algo que é revelador para as ciências humanas por dar visibilidade ao movimento entre identidade (representação ou nível psicológico), alteridade (referenciação ou nível sociológico) e diálogo (equilibração ou nível sociopsicológico).

Essa assunção coloca o sujeito no centro das discussões e abre espaço para uma discussão legitimamente interdisciplinar, pois a linguagem é vista como uma atividade que dá a esse sujeito autonomia e constituição. Autonomia porque o processo de atribuição de significados e valores está atrelado a ele; constituição por ser a atividade da linguagem seu meio de obter equilíbrio e de se diferenciar dos outros seres da natureza.

Vejamos o que diz Rezende:

Nesse movimento de passagem da expressão linguística de um sujeito ao outro (intra-sujeito, intersujeitos, intralíngua e interlínguas), não é o valor polarizado que conta mas o mecanismo de montagem e desmontagem por meio do qual podemos mostrar o modo como a experiência dos sujeitos com as noções envolvidas (empírico) pode influenciar na variação do valor final atribuído. O que devemos destacar é a forma da construção do valor, o seu caminho e não o valor em si. (REZENDE, 2009, p. 21)

Nesse viés, o conceito de noção se torna essencial e fomenta uma inquietação de ordem antropológica interessantíssima: embora o mundo “referenciável” seja o mesmo para todas as línguas, a transposição do empírico ao formal não se dá de igual modo em cada uma delas. O que temos são modulações e operações de cada língua (daí falarmos que as línguas são variantes) que nos dão acesso ao invariável, ou seja, à linguagem.

A fala de Barden’s corrobora isso:

Se diferentes línguas podem expressar o mesmo pensamento, o pensamento não pode ser conservado na forma de uma língua particular [...]. Ao admitir que os pensamentos podem não ser os mesmos, abre-se a possibilidade de que cada pensamento é realmente conservado na forma de uma língua particular. (BARDEN’S, 1996, p. 66-67 *apud* FUCHS, 1999, p. 11).²

Já Sapir faz uma analogia entre linguística e matemática para deixar claro que o universo das formas linguísticas é um completo sistema de referências:

[...] Passar de uma língua a outra é algo como passar de um sistema geométrico a outro. O mundo ao qual se faz referência é o mesmo para ambas; o mundo de pontos é o mesmo em cada estrutura de referência. Contudo, o método formal de abordagem do conteúdo de experiência expressado, assim como o de qualquer ponto no espaço, é tão diferente que a sensação de orientação não pode ser a mesma tanto nas duas línguas quanto nas duas estruturas de referência. [...]. (SAPIR, 1924, *apud* FUCHS, 1999, p. 8).³

² Tradução nossa do inglês.

³ Tradução nossa do inglês.

Resumidamente, essa articulação defende um modelo epistemológico tridimensional em que há: (i) as noções (representações mentais inacessíveis diretamente oriundas das experiências dos sujeitos ligados a um universo cultural), (ii) as representações linguísticas e (iii) o sistema de representações metalinguísticas (CULIOLI, 1999a).

2 Os três níveis linguísticos

Marcos Luiz
Cumpri

174

A atividade da linguagem pressupõe três níveis fundamentais. Assim, entre a noção (o nível não marcado linguisticamente) e a representação (o discurso), cabe o nível predicativo, que é o primeiro arranjo com vistas à ordenação sintático-discursiva.

Vignaux (1995) descreve esses três níveis. São eles o primitivo (ou da léxis), o predicativo e o enunciativo.

1. O nível primitivo é o que dá o primeiro atributo às coisas por atribuir-lhes forma e assegurar a relação de uma com as outras. É essa espécie de esquema inicial que garante que algo seja dito mesmo antes de ter havido qualquer realização proposicional. A esse esquema primitivo, Culioli (1999a) atribui três lugares: o do predicado e de dois argumentos.

Trata-se de uma fórmula que visa a dar conta do fato de que há, sempre no início, estabelecimento de uma relação R que se pode abstrair na forma $\langle x R y \rangle$, onde x é a origem de R e y é o objetivo de R. Essa relação primitiva é sempre uma relação de orientação. A léxis é um esquema inicial suficientemente geral, que assegura a relação entre esquemas de funcionamento sintático e os efeitos semânticos ligados a esses funcionamentos. É a preocupação com o sistema de efeitos semânticos que está na origem da escolha do esquema de léxis, indissociável da noção de orientação que lhe é inerente. Essa orientação primitiva (da origem em direção ao objetivo) vai depender das propriedades de x, y e R.

Como exemplificação, busquemos recuperar as noções de ciúme⁴ por meio dessa fórmula, de modo que $x = \text{ciúme}$, $R =$

⁴ Todos os exemplos que se referem ao conceito de ciúme foram extraídos de redações de vestibular fornecidas pela fundação Vunesp.

ser e $y=$ as propriedades de ciúme. Assim, o levantamento das ocorrências de ciúme partiu desse esquema. Seguem ocorrências possíveis:

1. <ciúme -ser - sentimento>
2. <ciúme - ser - posse >
3. <ciúme - ser – insegurança>

Tais exemplos demonstram que a relação de léxis é uma forma primitiva não ordenada e não possui modalidade, pois ela não é predicada.

2. O nível da predicação é aquele em que um sujeito enunciador ordena e arranja os termos da léxis, decidindo qual é o termo que será a origem (o termo de partida) e que afetará a sua asserção, que é a mantenedora da relação predicativa entre os termos, estabelecendo um esquema.

Esse esquema é prioritariamente orientado por duas operações básicas: a localização e a identificação. A localização acontece quando escolhemos um termo de origem, que vai servir de localizador, ou de um primeiro ponto de referência para o resto da relação construída. Esse localizador servirá como centro atrator da léxis visando a obter os efeitos semânticos descritos. A identificação decorre diretamente da localização. Ela é, ao mesmo tempo, uma triagem e o que coloca e confirma a estabilidade do que é localizado. Localizar significa, de um lado, a necessidade de uma triagem entre os objetos localizados ou localizáveis e, de outro, significa a própria possibilidade de poder fazer essa operação. Trata-se de uma atividade sobre referências que implica uma atividade de diferenciação. Toda localização se resume em identificar e, então, extrair um objeto ou uma situação entre outras, e, desse modo, construir a referência num domínio determinado.

Vejamos como essa relação ocorre na prática:

1. O termo ciúme como localizador (origem): “O ciúme é, muitas vezes, causado mais pelo reflexo de si mesmo que pelas atitudes do companheiro.”
2. O termo ciúme como localizado: “E tão maior e mais voraz a dúvida, o ciúme, quanto menor a segurança, o respeito, a autoestima que tem o “amador” por si, quanto menor o Amor à liberdade, própria e alheia.”

3. O nível enunciativo é o que situa uma relação construída entre termos em relação à situação de enunciação.

A situação de enunciação pode se definir por um conjunto de parâmetros que formam um pacote de relações entre, de um lado, o sujeito do enunciado e o sujeito enunciador e, de outro lado, o momento ao qual se refere o enunciado e o momento de enunciação. No enunciado, essa validação da referência vai depender do ponto de vista daquele que enuncia em relação ao que ele supõe ser o pensamento ou a posição de seu interlocutor e o que ele visa construir como sentido, deslocando um certo número de significações anteriores, presentes ou possíveis. Daí a modalização, as operações de quantificação e qualificação, a aspectualidade e a diátese como forças a atribuírem significações.

Os exemplos a seguir registram como o sujeito enunciador se exime da responsabilidade de assumir sozinho aquilo que enuncia. No primeiro destacamos o recurso da modalização, a qual, por meio do verbo “poder”, instaura uma hipótese acerca da noção <ciúme – ser – doentio>. No segundo, o enunciador extrai (sem definir) do universo uma ocorrência de sujeito sem se comprometer com a verdade do enunciado. Vejamos:

1. “O ciúme pode se tornar doentio de forma que um dos parceiros do casal possa não deixar o outro sair e assim por diante.”
2. “Aliás, há quem acredite que o ciúme está mais ligado à vaidade que à paixão, o que justifica o ciúme entre amigos, familiares ou no ambiente de trabalho.”

3 O conceito de noção

Saussure (1999, p. 80), ao introduzir o conceito de signo, deixou claro que se trata de uma unidade psíquica. Ademais, ele afirmava que a designação “signo” repercute um contentamento sustentado pela falta de outro termo da língua que represente o seu conteúdo significativo (1999, p. 81).

Nesse sentido, o conceito de noção nasce exatamente dessa plasticidade que o signo tem como herança. A definição de Culioli (1995, p. 34) de que as noções são complexos sistemas

representacionais das propriedades físico-culturais resultantes das manipulações feitas nos interiores das culturas, encapsula-se nos mesmos contornos do conceito saussuriano de signo, só que de modo mais extensivo por transpor a barreira do que Saussure (1999, p. 80) chamou da junção de um conceito e uma imagem acústica. Na verdade, a assunção culioliana é de que a imagem é mais do que fisiológica. Ela também é afetiva, psicológica e antropológica.

Vale ressaltar que essa concepção vem assumindo lugar de destaque em parte de nossas produções (CUMPRI, 2008, 2011) por duas razões fundamentais:

A primeira é que essa definição rompe com a oposição infrutífera entre língua e fala por nos remeter a um conceito anterior ao signo linguístico que coloca língua e fala num contínuo. A segunda é porque ela traz uma discussão genuinamente interdisciplinar por estabelecer uma ponte entre o psicológico (o nível representacional, subjetivo) e o sociológico (o nível referencial, objetivo).

Há, ainda, duas citações de Culioli que merecem destaque:

Decidimos chamar noção esse feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados. (CULIOLI, 1999b, p. 9)..⁵

De um lado, trata-se de uma forma de representação não linguística, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiência de cada pessoa. [...] De outro, trata-se da primeira etapa de uma representação metalinguística. (CULIOLI, 1999b, p. 8-9).⁶

Rezende (2009, p. 20), por sua vez, define a noção da seguinte forma:

A noção é incorpórea e é materializada no esforço que faz um sujeito para dar forma a uma representação mental por meio de arranjos léxico-gramaticais, seja na modalidade oral, seja na escrita de língua. Diferentemente do signo, que é estático, consensual,

⁵ Tradução nossa do francês.

⁶ Tradução nossa do francês.

social, ela resulta de um esforço de medida que o sujeito faz entre o que está construído ou que ele supõe construído e estável e a sua subjetividade.

Já reconheceu Guillaume (1957 *apud* JOLY 1997, p. 29) que a linguagem humana nada é se não partir do momento onde a vivência experimental é transformada em representação, de forma que a língua seria um sistema de representações visto sob a ótica do sujeito falante e necessariamente condicionada pelo discurso. Assim, a linguagem abarcaria uma tríade linear cujo ponto de partida seria a experiência, o ponto intermediário a representação (a língua) e o ponto final, a expressão (o discurso).

Marcos Luiz
Cumpri

178

A nosso ver, quando Guillaume (1957) falava de uma conversão de representações de experiência em representações de língua, ele dizia que o que é representado na experiência é condicionado por aquilo que é representado na língua e essa, por sua vez, é condicionada pelo o que é representado no discurso.

Em verdade, o que está sendo dito é que há uma interdependência entre as representações de língua e as representações de experiência, o que é evidente e inevitável.

As definições e explanações acerca do termo noção são oriundas de discussões de ordem metalinguística, construídas teoricamente a partir de três pontos de vista: um epistemológico, um metodológico e um empírico.

O ponto de vista epistemológico repousa sobre a articulação entre a linguagem (a atividade de representação, referência e regulação) e as línguas naturais (sistemas dinâmicos e abertos movimentados por agenciamentos intersubjetivos de modulações). O ponto de vista metodológico resume-se no objetivo de se construir um modelo metalinguístico que mostre como as noções são representadas no nível linguístico. O ponto de vista empírico refere-se ao esforço de construir atividades de abstração, de generalização e de particularização a fim de se revelarem as variações da língua, sem as quais não seria possível o trato da invariância da linguagem.

A primeira ideia do que vem a ser uma noção surgiu da inquietação teórica de Culioli (1995) acerca da classificação das palavras, dos campos semânticos, dos traços sêmicos, da sintaxe separada da semântica, por ele negar todo trabalho classificatório

e hierárquico em que haja representações fixas e encadeáveis linearmente.

Assim, a emergência de uma teorização sistemática sobre o conceito de noção se dá em trabalhos direcionados à construção de representações que permitem os ajustes intersubjetivos.

4 Noção: o universal e o particular

Joly (1997, p. 32), no texto “*La longue marche de la notion du percevoir au dire*”, ao falar da dicotomia universo/homem, aponta três domínios:

- O domínio filogenético, que é do o fazer da linguagem nos tempos tal qual ela se manifesta nas línguas naturais.
- O domínio ontogenético, que é o do desenvolvimento da linguagem nos sujeitos.
- O domínio praxeogenético, que é o do uso momentâneo da linguagem pelos sujeitos.

Dos três, é o praxeogenético que dá maior visibilidade à passagem do nível nocional ao linguístico, pois o que se diz só é dizível porque há uma percepção mental anterior associada ao universo de experiências que garante que o saber dizer (a língua) seja sistematicamente efetivo, pois como ressalta Joly (1997, p. 33): “toda vez que alguma coisa é dita, esse dito parte da linguagem e se transforma num novo objeto de experiência – de experiência mental – um objeto que poderá, por sua vez, dar lugar a um novo dizer.”⁷

A relação entre homem e universo remete, entre outras coisas, às relações entre parte e todo, finito e infinito e levanta uma discussão filosófica clássica: o conhecimento do universo pelo homem. A busca desse conhecimento, por sua vez, gera dois movimentos distintos. Um movimento de interiorização que vai do universo ao homem e que concerne à percepção e à submissão que o homem tem em relação ao universo; e outro de exteriorização, que é o que vai do homem em direção ao universo e que

7 Tradução nossa do francês.

é uma projeção das representações que o homem cria acerca do universo por intermédio da linguagem, representações essas que são as próprias línguas naturais.

Se é inegável que o homem sempre buscou compreender e conhecer o universo do qual faz parte, também é inegável que a língua é o tesouro (e aqui não falamos apenas de léxico) inegável oriundo desse trabalho de busca. O mundo fenomenológico é o referente linguístico inquestionável e é o fomentador dos movimentos intralinguísticos, inclusive dos movimentos que aproximam léxico e gramática e que dão origem aos signos, ou a própria representação (já materializada) das noções.

A afirmação clássica de Benveniste (2005), de que a língua está no homem e o homem está na língua, pode ser expandida a ponto de considerarmos que se homem é parte do universo (que é o todo), está contido nele. Nesse viés, para que o universo se mantenha tal qual ele é, é necessário que a parte (o homem) também o faça, de modo que qualquer mudança na parte acarreta mudança no todo. E essa é uma premissa clássica da teoria geral dos sistemas que tomou seu primeiro espaço nos tratados de biologia, mas que assumiu papel dentro de outras ciências como a linguística.⁸

Assim como a biologia é um ciência movediça, no sentido de que ela depende do movimento espaço-temporal dos seres vivos para se constituir como tal, a relação dialética entre homem (parte) e universo (todo) também o é, pois é desse movimento (ora de interiorização, ora de exteriorização) que dependem as relações cognitivas do homem.

A noção de que o homem percebe o mundo por meio de estímulos sensoriais, entre biólogos, psicólogos, neurolinguistas, é consensual. Destarte, o acúmulo de percepções permite-lhe elaborar e fixar as imagens mentais ou conceitos prototípicos que representam o universo e ajudam a constituir o pensamento pré-discursivo, sem o qual não haveria linguagem.

Entre o perceber e o dizer (a representação linguística) há um caminho tão importante quanto os próprios significados estabilizados no que já está linguisticamente representado e é durante esse rito de passagem que melhor conseguimos acessar a

⁸ Para uma leitura mais aprofundada sobre a teoria geral dos sistemas, ler "Teoria Geral dos Sistemas" de Ludwig Von Bertalanffy.

linguagem e mostrar como as noções são construídas e transpostas ao nível linguístico. Tal percepção só nos é dada efetivamente desde que criemos um sistema metalinguístico formal.

Compartilhando o posicionamento de Rezende (2009, p. 34), acreditamos que a passagem de uma representação mental a uma atividade de referência só é possível graças a um polo que possibilite a construção de uma classe de ocorrências. Nessa visão, todo domínio possui um centro que o organiza e permite a regulação subjetiva. Em adição, afirmamos que embora as noções se coloquem numa zona de transição entre o intra e o extralinguístico, é nas ocorrências de língua que fica possível recuperar (por meio da atividade metalinguística, sobretudo) o que é do campo do pensamento. Trata-se de predicar sobre o predicado para se chegar ao que é anterior a ele, ao que é anterior ao léxico e comprovar que as representações linguísticas não são fixas, não são lineares e não são separáveis das atividades de referenciação e de regulação.

Para um redimensionamento do signo linguístico: o conceito de noção

181

Considerações Finais

Após os breves apontamentos e discussões expostos acima, o que esperamos ter deixado como maior contribuição é a consciência do posicionamento fulcral que o conceito de noção assume nos tratados linguísticos, sobretudo por considerarmos que se trata de um conceito que recobre o próprio signo linguístico.

Esse posicionamento passou a ganhar destaque quando a linguística moderna direcionou seu olhar para a produção e não mais só para o produto. Se a língua é produto e produção, entender o signo linguístico como uma forma plástica e dinâmica destaca a zona fronteira entre a linguística e ciências como a filosofia, a psicologia e a sociologia.

Nesse contexto, o conceito de noção surge como um conteúdo do pensamento e como um conjunto de representações oriundas do modo pelo qual se concebe o universo pensável, um universo que transborda em significações não cabíveis em acepções dicionarizadas.

Destarte, colocar a questão da noção como aporte do estudo do significado é reafirmar o que a linguística já não consegue negar desde há muito: a indissociabilidade entre intra e extralinguístico. Daí a assunção de que o referente aponta sempre para o infinito, pois seja ele um referente experiencial, seja um referente mental, seja um referente tipificado (social e culturalmente), sempre haverá a barreira da alteridade que só é transponível por meio de um trabalho sensível (e por vezes abstrato) com as ocorrências de língua. E é nesse trabalho que a noção emerge.

Marcos Luiz
Cumpri

182

FOR A RESIZING OF THE LINGUISTIC SIGN: THE CONCEPT OF NOTION

Abstract: the core of this work is in the discussion of the concept of the notion. The goal is the expansion of the concept of the sign starting from the articulation between idiom and language, which puts language and speech in a continuous relation, instead of dichotomic. The highlight is in the process of construction of notions and in the passage from the cognitive activity (experiential and phenomenological world) to representational activity (linguistic activity, discursive formation). The resizing of the sign is thanks to the defense the world experiences and the experiences of language are inseparable, what leads us to transcend its character typically consensual to get to its oscillator character between what is given and what is built.

Keywords: Notion. Sign. Language

Referências

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

CULIOLI, Antoine. *Cognition and representation in linguis-*

tic theory. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999a.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999b.

CUMPRI, Marcos Luiz. *Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual*. Araraquara. 2008. 124f. Dissertação (mestrado em linguística e língua portuguesa). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

_____. Noção: do conceito à representação linguística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*, Curitiba, 2011, p. 2814-2825.

FUCHS, Catherine; ROBERT, Stéphane. *Language diversity and Cognitive representation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1999.

JOLY, Andre. La longue marche de “La notion” du percevoir au dire. In: RIVIÈRE, Claude; GROUSSIÈRE, Marie-Line. *La notion*. Paris: Ophrys, 1997, p. 27-50.

ONOFRE, Marília Blundi; REZENDE, Letícia Marcondes. (Org.). *Linguagem e Línguas Naturais – Clivagem entre o enunciado e a enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

VIGNAUX, Georges. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In : BOUSCAREN, J. ; FRANKEL, J. J. ; ROBERT, S. (Org.). *Langues et langage: problèmes et*

Para um redimensionamento do signo linguístico: o conceito de noção

183

raisonnement en linguistique, mélanges offerts à Antoine Culioli.
Paris: PUF, 1995, p. 565-581.

*Marcos Luiz
Cumpri*

184